



# A utilização de pronomes não binários no português brasileiro: um estudo exploratório com dados da rede social X

Elaine Rodrigues de Souza Silva<sup>1\*</sup> e Dannel da Silva Carvalho<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, Av. Lourival Melo Mota, s/n., 57072-970, Maceió, Alagoas, Brasil. <sup>2</sup>Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil. \*Autor para correspondência. E-mail: elainerodriguespee@gmail.com

**RESUMO.** O presente trabalho possui como objetivo verificar e analisar os usos de uma terceira marca de gênero no português brasileiro, realizado na utilização de neopronomes, como nos sistemas 'elu', 'ile', 'ilu' e 'el', e na ampliação de marcas distintivas de gênero na língua, tal como o uso do -e no final de nomes. A justificativa desta investigação é pautada na novidade do fenômeno na língua e, de forma consequente, nos estudos linguísticos, formando-se como uma nova problemática de investigação. Para tanto, lançamos mão de estudos sobre a categoria de gênero gramatical desenvolvidos por Câmara Jr. (1970), Rocha (1998) e Corbett (1991). Destacam-se também os estudos de Benveniste (1995) e Neves (2000) sobre a classe dos pronomes, com intuito de compreender a implementação dos neopronomes e a sua relação com um novo valor de gênero. Além do trabalho de Hall (2006) que permeia as questões de identidade dos sujeitos. Desse modo, a partir de uma coleta de dados realizada na rede social X, por meio de um procedimento de raspagem, foram analisados os usos dos neopronomes no português brasileiro. Nesse sentido, os 364 dados de neopronomes foram submetidos a uma análise estatística, utilizando a plataforma R, na qual foi observada a proporção de frequência de uso, o contexto semântico desses usos e o padrão de concordância nominal desencadeado pelos neopronomes. Assim, como resultado foi observado que o sistema 'elu' apresentou uma maior frequência de usos. Além disso, as utilizações de neopronomes apresentaram uma maior relevância para uma referência genérica dos sujeitos, recuperando identidades binárias e não binárias na língua, e pouco impacto no padrão de concordância da língua.

**Palavras-chave:** gênero gramatical; neopronomes; referência identitária.

## The use of non-binary pronouns in Brazilian Portuguese: an exploratory study with data from social network X

**ABSTRACT.** This paperwork aimed to verify and analyze the usage of a third gender mark in Brazilian Portuguese, which occurs by using neopronouns, such as 'elu', 'ile', 'ilu' and 'el', and in the expansion of gender-distinctive markers in the language, such as the use of -e at the end of names. The reason for this investigation is guided by the novelty of the phenomenon for the language and, consequently, in linguistic studies, forming a new area of research. For this purpose, we focus on studies over grammatical gender developed by Câmara Jr. (1970), Rocha (1998), Corbett (1991). It is also highlighted the studies by Benveniste (1995) and Neves (2000) about pronouns category, intending to comprehend the implementation of neopronouns and its relationship with a third gender in language. Besides Hall's (2006) work which permeates issues of subject identity. Thus, based on data collection conducted on the social network X, through a scraping procedure, the uses of neopronouns in Brazilian Portuguese were analyzed. In this sense, the 364 neopronoun data points were subjected to statistical analysis using the R platform, where the proportion of frequency of use, the semantic context of these uses, and the nominal agreement pattern triggered by neopronouns were observed. As a result, it was found that the 'elu' system showed a higher frequency of use. Additionally, the uses of neopronouns were more relevant for a generic reference to subjects, encompassing binary and non-binary identities in the language, and had little impact on the language's agreement pattern.

**Keywords:** grammatical gender; neopronouns; identity reference.

Received on April 15, 2024.  
Accepted on September 22, 2024.

### Introdução

A categoria de gênero gramatical é marcada no português brasileiro (doravante PB) pela presença de dois valores: o masculino e o feminino. A atribuição e a funcionalidade desses valores, por sua vez, são abordadas

em alguns estudos (Câmara Jr, 1970; Rocha, 1998) como resultantes de um processo formal na língua, sem uma associação com a informação extralinguística do sexo dos seres.

Observa-se, no entanto, uma crescente discussão social, por parte dos usuários da língua, que reflete descontentamento na representação linguística dos sujeitos confiada à categoria de gênero gramatical no PB. As questões levantadas demarcam os usos dos valores binários na língua e a limitação desses valores na representação das identidades dos sujeitos, relacionando, desse modo, a categoria com o componente extralinguístico.

A negação de um valor genérico, representado pelo masculino (Câmara Jr., 1970), para retomar identidades femininas e masculinas, constituiu uma das primeiras discussões em torno do emprego do gênero no PB. Tal debate, ainda vigente, é pautado pelo apagamento de identidades femininas ao determinar o masculino como gênero genérico. É possível citar como um dos momentos emblemáticos nesse debate, a utilização do termo ‘presidenta’, durante o governo da ex-presidenta Dilma Rousseff, em 2010, o que foi alvo de debates e bastante resistência, especialmente da mídia.

Dessa forma, a discussão e a luta em torno do uso/marcação do gênero gramatical no PB não se encerram no uso ‘correto’ dos valores binários. Há ainda no PB um descontentamento com os valores de gênero, refletido pela limitação do feminino e masculino na representação linguística das diversas identidades dos sujeitos. Crescem na língua propostas para a implementação de um terceiro valor de gênero, isto é, um novo valor de gênero gramatical, possibilitando o reconhecimento de identidades não binárias. A essa prática de referenciação dos sujeitos, com base em suas identidades, conceituamos nesse trabalho como ‘referência identitária’.

(1) “Att: Falei tudo certinho com Printi e ‘elus’ foram super ‘fofes’! Entenderam a situação toda e disseram que vão reimprimir e enviar numa embalagem mais adequada pra evitar amassar. Me salvaram demaaaais”.

(2) “‘Iles’ não te respeite por que ‘Iles’ não sae ‘bixes’”. Fonte: Rede X.

Como consta nos exemplos (1) e (2), nas palavras em destaque, valores inovadores de gênero estão sendo utilizados no PB para referenciar identidades que ultrapassam o padrão binário. ‘Elus’ e ‘iles’, em (1) e (2) respectivamente, fazem um contraste com os pronomes pessoais do caso reto de terceira pessoa ‘elas’ e ‘eles’, exercendo, com isso, o mesmo objetivo gramatical na língua. Nota-se, também, o uso de -e em ‘bixes’ e ‘fofes’, com um novo valor de gênero, bem como em ‘sae’, forma verbal.

Observa-se, ainda, que a discussão pela implementação de um terceiro valor de gênero no PB é marcada, especialmente, por diferentes sistemas de neopronomes<sup>1</sup>, isto é, conjuntos de formas inovadoras de referenciação, tal como o sistema ‘el’, ‘elu’, ‘ile’ e ‘ilu’. O fenômeno, ainda pouco explorado nos estudos linguísticos, tem como estudo pioneiro no Brasil os trabalhos de Baldez (2022; 2024). Diante de um cenário ainda vasto para investigação linguística, o presente trabalho procura identificar como o sistema de gênero tem se comportado perante os valores não binários utilizados no PB e qual desses sistemas de neopronomes têm se mostrado mais representativo para uma possível implementação na língua.

Para tanto, foi realizada uma coleta de dados no X de usos dos sistemas de neopronomes - ‘el’, ‘elu’, ‘ile’, ‘ilu’ - por meio de um procedimento de raspagem, que consiste na busca de palavras-chave na plataforma estipulada. Os dados coletados foram analisados quantitativamente, levando em consideração o valor semântico, concordância não binária e proporção de uso.

## O gênero gramatical, a classe dos pronomes e a identidade dos sujeitos

O gênero gramatical é compreendido como uma categoria complexa nos estudos linguísticos (Corbett, 1991). A complexidade dessa categoria, por sua vez, pode ser justificada por seu emprego não universal e pela diversidade de comportamento nas línguas em que se faz presente, havendo, desse modo, línguas que perdem e outras que ganham novos valores de gênero, ou ainda, aquelas em que a informação de gênero é explicitada apenas nos pronomes, como é o caso do inglês (Corbett, 1991).

Tendo como base os trabalhos elaborados por Hockett (1958 apud Corbett, 1991), Corbett (1991) define: “Gênero são classes de substantivos refletidos no comportamento de palavras associadas” (Hockett, 1958, p. 231 apud Corbett, 1991, p. 1, tradução nossa). A categoria de gênero gramatical estaria relacionada com o padrão de concordância das línguas, e, portanto, estabelece uma relação com diferentes classes de palavras, como é o caso dos pronomes, adjetivos e artigos no PB.

<sup>1</sup> De acordo com o Cambridge Dictionary Online (2024), neopronome é um novo pronome que surge especialmente para substituir as formas de terceira pessoa [ele(s)/ela(s)].

No entanto, a compreensão sobre o gênero gramatical não é unânime nos estudos linguísticos. No PB, em específico, a discussão acerca dessa categoria transparece a sua complexidade, tendo em vista as diferentes percepções empreendidas sobre o gênero gramatical. De acordo com Câmara Jr. (1970), o gênero no PB corresponde à uma categoria fruto de um processo flexional, definida por valores binários: o masculino, forma não marcada, representada pelo morfema ( $\emptyset$ ), e o feminino, forma marcada na língua, caracterizada pela vogal -a (átônica final). Para o autor, a forma não marcada corresponde a um valor genérico, podendo ser atribuído, por exemplo, como referência a um coletivo. Ainda de acordo com Câmara Jr. (1970), o gênero não deve ser associado com a informação do sexo dos seres, visto que todos os substantivos possuem a informação de gênero, porém nem todos são substantivos animados/sexuados.

Nos estudos realizados por Rocha (1998), por outro lado, a irregularidade encontrada na atribuição do gênero no PB impede uma análise dessa categoria dentro do princípio da flexão. Isso ocorre porque apenas 4,5% dos substantivos variam em gênero por meio de regras morfológicas, sendo estes pertencentes ao grupo dos nomes sexuados. No entanto, mesmo dentro desse grupo, a regularidade na atribuição de gênero não abrange todos os nomes, havendo algumas exceções, como o substantivo 'criança', que não varia em gênero por meio de uma regra morfológica (Rocha, 1998).

Gênero é definido por Rocha (1998) como um componente sintático, dado que a maior parte dos substantivos expressam essa categoria por intermédio do expediente sintático, isto é, por um determinante flexionado. Na análise do autor, destaca-se também a observação da ausência de uma marca/desinência específica para delimitar o gênero na língua. De acordo com Rocha (1998), -o, -a, -esa etc. podem representar marcas de gênero no PB, a depender apenas da função que essas marcas exercem nas palavras, desse modo, em 'menina' o -a indicaria o gênero, bem como o -essa em 'condessa'.

Schwindt (2020) discute o gênero gramatical no PB como uma categoria própria de uma atribuição híbrida, isto é, a presença do gênero é marcada por uma informação semântica e formal (morfológica). O autor aponta que apenas 5,6% dos nomes dicionarizados possuem uma atribuição de acordo com o componente semântico, correspondentes aos substantivos sexuados, os quais atribuem gênero afirmando uma associação com o sexo dos seres. A maior parte dos substantivos no PB expressam uma marcação de gênero apenas por uma informação morfológica.

Corbett (1991) e Schwindt (2020) indicam um componente semântico como importante para a marcação de gênero, em especial, o trabalho do segundo autor que produz uma análise com foco no PB, sendo essa informação descartada das análises de Câmara Jr. (1970) e Rocha (1998). Ademais, com base nos estudos abordados, sobretudo, em Corbett (1991) e em Rocha (1998), ao discorrerem sobre a categoria dentro da sintaxe/concordância, é possível pontuar uma relação do gênero gramatical com outros elementos linguísticos.

(3) "Maria não foi à escola. 'Ela' estava cansada".

(4) "[...] 'elus' viram e não falaram nada tá bem a vez 'delus' vai chegar'. Fonte: Rede X.

Na construção em (3) o nome 'Maria', atribuído ao valor feminino, provoca no adjetivo 'cansada' uma concordância também no feminino. O mesmo é observado na retomada anafórica realizada pelo pronome de terceira pessoa do caso reto, 'ela', em que o valor de gênero feminino é preservado nessa marca de referência. Essa relação com diferentes elementos linguísticos também pode ser observada nos usos inovadores de gênero no PB, isto é, na linguagem não binária.

No exemplo em (4), o neopronome 'elu', referente ao pronome pessoal do caso reto de terceira pessoa, reflete na língua um contraste com as formas canônicas 'ele/ela', com a finalidade de conferir à prática linguística o reconhecimento e o respeito às diferentes identidades de gênero dos sujeitos. Ainda nesse exemplo, é possível observar que a informação de gênero é explicitada pelos neopronomes 'elus' e 'delus', neopronome possessivo de terceira pessoa. Tomando como base os exemplos apontados, verifica-se uma relação do gênero gramatical com outras classes de palavras, tal como a classe dos adjetivos, em (3), e dos pronomes, em (3) e (4).

A relação do gênero gramatical com a classe dos pronomes pode ser ainda verificada nos usos e propostas de linguagem não binária, como nos chamados sistemas de neopronomes, elaborados e publicados em alguns manuais que circulam na internet, com o objetivo de ensinar aos usuários da língua novos valores de gênero gramatical, respeitando as diversas identidades dos sujeitos. O 'Guia de linguagem neutra', por Ophelia Cassiano (2019) e o 'Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa', por Gioni Caê Almeida (2020), são exemplos desses manuais no PB.

É observada a importante relação entre a categoria de gênero e a classe dos pronomes. Segundo Neves (2000), os pronomes pessoais podem ser classificados como a classe com papel de fazer referência, não cabendo aos pronomes a função de nomear ou denominar, como ocorre com os substantivos, sendo a referência uma característica fundamental dos pronomes. Destaca-se ainda que a associação estabelecida entre esses elementos atinge objetivamente a terceira pessoa, como é perceptível nos exemplos em (3) e (4), e como também ocorre nas línguas de sistemas pronominais de gênero.

Benveniste (1995) esclarece pontos fundamentais que particularizam a terceira pessoa, entre esses: a propriedade de ser a única pessoa fora da esfera discursiva; a única a distinguir gênero e a única a configurar uma referência objetiva. Na primeira característica é observado que por não se tratar daquele a quem se fala (segunda pessoa) ou aquele que fala (primeira pessoa) implica a essa pessoa a singularidade de ser a única pessoa fora da instância discursiva, sendo aquilo de que se fala (pessoa ou objeto). Essa característica acarreta o caráter da objetividade associada a essa pessoa, visto que diferente da primeira e da segunda pessoa, marcadas pela subjetividade, a terceira pessoa é dotada de uma referência objetiva.

Destaca-se ainda a característica em línguas como o PB de a terceira pessoa variar em gênero, como ocorre nos pronomes canônicos 'ele/ela'. Com isso, a marcação dessa categoria na terceira pessoa é realizada atrelada à característica de referência objetiva dos seres a que se refere. A marcação/variação de gênero e o comportamento objetivo de referência presentes na terceira pessoa são fundamentais para compreender a implementação de novos pronomes, visto que essa distinção de gênero e a referência objetiva permitem marcar, desse modo, um novo valor de gênero relacionado com a identidade social dos referentes.

A relação observada entre o gênero gramatical, os pronomes de terceira pessoa e a identidade dos sujeitos constrói, através dos neopronomes e dos pronomes canônicos, o que propomos como 'referência identitária' (doravante RI), isto é, a marcação de gênero na classe de pronomes cumpre com a função de realizar uma referência objetiva dos sujeitos. A RI é, portanto, uma forma de realizar na língua uma referência objetiva dos sujeitos, respeitando e reconhecendo suas identidades.

A RI estabelece uma relação direta entre a língua e os padrões sociais de identidade. Essa relação é uma propriedade da língua, pois esta sofre influência de diversos fatores, tais como cultura, política, localização geográfica etc. Assim, a demanda social por valores não binários de gênero na língua, revela uma necessidade alicerçada na identidade dos sujeitos, a qual tem apresentado mudanças, como observa Hall (2006, p. 7).

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.

De acordo com Hall (2006), o sujeito do século XXI é marcado pelo rompimento com uma identidade unificada, caracterizando-se pela fluidez. Essa mudança provoca na língua novas necessidades, como a demanda social por uma marcação de gênero capaz de recuperar identidades que ultrapassem um padrão binário. No PB, a implementação dos neopronomes pode demarcar uma possível solução para essa nova demanda na língua.

## Procedimentos metodológicos

O emprego de valores não binários no PB chega para a língua e para os estudos linguísticos como uma nova questão. Nesse cenário, com poucos estudos e com bastante especulações sobre o fenômeno, adotamos uma pesquisa exploratória, com o intuito de formular e estabelecer uma visão mais ampla sobre o uso de uma linguagem não binária no PB, partindo de uma abordagem quantitativa dos dados, destacando as proporções de frequência de usos dos sistemas de neopronomes, a informação semântica, observando se há uma preferência de um emprego genérico ou especificado (não genérico) dos neopronomes, e a desinência não binária de gênero, verificando qual marca está sendo utilizada como um terceiro valor de gênero na concordância do PB. Assim, os dados foram analisados com base em uma abordagem estatística realizada na plataforma 'R'.

A coleta de dados foi realizada na rede social X (antigo *Twitter*), por meio de um processo de raspagem, que consiste em uma técnica operada para extração de dados em determinadas plataformas, utilizando-se de linguagem de *python*. Nessa coleta foi aplicada uma coordenada de *geocode* que restringe geograficamente a raspagem de *tweets* realizados para uma área de 3000 km, partindo do centro do Brasil. Outrossim, os dados coletados foram limitados a realizações no português. A raspagem foi realizada em *tweets* publicados no Brasil e em português.

Para a raspagem foram adotados dois parâmetros: palavras-chave e intervalo de tempo. No primeiro caso, as buscas no X foram feitas a partir de grupos de palavras-chave, baseadas nos sistemas de neopronomes ‘el’, ‘elu’, ‘ile’ e ‘ilu’. No segundo campo, foi adotado o intervalo de quinze dias para a execução de cada coleta, entre os meses de dezembro de 2022 e fevereiro de 2023 (três meses), totalizando 48 coletas realizadas. Destaca-se ainda que a raspagem foi realizada em contas públicas do X.

A busca por esses neopronomes no procedimento de raspagem foi feita a partir da divisão de cada sistema em dois grupos, cada um com quatro neopronomes, como consta na Tabela 1. Essa divisão foi necessária, dado que a raspagem no X com um número menor de palavras-chave por busca poderia comprometer os dados, visto que há maiores chances dessa rede social entregar palavras que possuem sequências semelhantes aos neopronomes, como o neopronome ‘el’ que poderia ser confundido com as iniciais do substantivo próprio ‘Elaine’.

**Tabela 1.** Palavras-chave formada por grupo de neopronomes para a raspagem no X.

Sistemas de neopronomes	Subgrupo 1 de neopronomes:	Subgrupo 2 de neopronomes:
	Pronomes pessoais do caso reto e as formas neopronominais formadas pela junção da preposição ‘de’ e dos neopronomes pessoais do caso reto	Formas neopronominais formadas pela junção da preposição ‘em’ e dos neopronomes pessoais do caso reto e pronomes demonstrativos
Sistema ‘el’	el, els, del, dels	nel, nels, aquele, aqueles
Sistema ‘elu’	elu, elus, delu, delus	nelu, nelus, aqueleu, aquelesu
Sistema ‘ile’	ile, iles, dile, diles	nile, niles, aquile, aquiles
Sistema ‘ilu’	ilu, ilus, dilu, dilus	nilu, nilus, aquilu, aquilus

Fonte: elaboração própria.

A partir da raspagem, foram obtidos resultados de realizações dessas formas no intervalo de tempo determinado. Os dados, *tweets* com utilização de neopronomes, foram entregues pela plataforma de maneira aleatória, sem qualquer tipo de controle exercido. Levando em consideração as possíveis irregularidades, isto é, erros de leitura da plataforma, os dados passaram por um tratamento manual, no qual foram eliminadas construções sem uso efetivo de neopronome. Para essa limpeza de dados foi adotado como critério a função das formas, cumprindo com a função esperada para os respectivos neopronomes e a concordância implicada por essas formas.

Do quantitativo de 1003 dados coletados a partir da raspagem no X, 364 realizaram uma marcação com um terceiro valor de gênero, constituindo o nosso *corpus* de estudo. Nesse processo, o sistema ‘el’ destacou-se pelo quantitativo de dados não referentes a usos de neopronomes, como a marcação de ‘dels’ como uma variação do nome ‘Deus’: (5) “Meu ‘Dels’, que tristeza, a chave foi eliminada. Chorando horrores aqui”. Foram também encontrados muitos dados nesse sistema referentes a antropônimos: (6) “[...] as playlists de meu amigo Van ‘Nels’ no spotify são uma verdadeira obra de arte, sempre fico sorrisos [...]” (Fonte: Rede X) em que ‘nels’, que corresponde a uma forma neopronominal nesse sistema, apresentou um contexto de antropônimo no PB. Com isso, nota-se que a semelhança com nomes pessoais ‘nels’ e com formas de variações, já previstas no PB, como em ‘dels’, tendo em vista que o -l em posição de coda pode ser vocalizado, implicou em um grande número de construções não condizentes com o que se propõem como forma neopronominal.

Além disso, no sistema ‘el’, os dados com outras formas neopronominais, em número superior, não apresentaram qualquer indicativo de se tratar de um valor não binário, tendo em vista que em nenhum caso foi observado, por exemplo, a marcação de uma concordância nominal com um terceiro valor de gênero desencadeada por essas formas de referência. Assim, por se tratar do apagamento da vogal final dos pronomes canônicos, observamos ainda a possibilidade de erro de escrita dos usuários. Diante disso, optamos por descartar o sistema ‘el’ da nossa análise. Portanto, na análise dos dados, que será abordada na próxima seção, foram consideradas construções relativas aos sistemas ‘elu’, ‘ile’ e ‘ilu’.

## Análise dos dados

No PB, a linguagem não binária é marcada por diferentes propostas de sistemas de neopronomes<sup>2</sup>. Com isso, a partir dos 364 dados coletados na rede X, observamos a frequência de usos de cada sistema de neopronome, ‘elu’, ‘ile’ e ‘ilu’, objetivando verificar qual desses sistemas tem sido mais realizado no PB. Assim, por se tratar de um estudo que busca compreender como os neopronomes estão sendo utilizados no PB a partir de uma amostra dessas realizações, adotamos um intervalo de confiança de 95%.

<sup>2</sup> Os sistemas de neopronomes são encontrados em diversos sites online, surgindo de forma espontânea. Alguns desses sistemas para o PB podem ser acessados em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pronome\\_neutro\\_de\\_terceira\\_pessoa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pronome_neutro_de_terceira_pessoa).

Na Tabela 2, verifica-se que o sistema ‘*elu*’ teve uma frequência maior, com 296 ocorrências em um universo de 364, ou seja, 81%, seguido pelo sistema ‘*ile*’, com uma proporção de 12% e o sistema ‘*ilu*’ com uma proporção de 6%. A Tabela 2 oferece ainda os limites gerados pelo intervalo de confiança. Com isso, o sistema ‘*elu*’ obteve o limite inferior de 77 e superior de 85%, isso significa que há 95% de chances de todas as vezes que forem coletados 364 dados (tamanho do nosso *corpus*) dos sistemas ‘*elu*’, ‘*ile*’ e ‘*ilu*’ no X, o sistema ‘*elu*’ apresentar uma porcentagem de ocorrência dentro dos limites apresentados.

**Tabela 2.** Frequência, proporção de ocorrências e limites de intervalos de confiança de cada sistemas de neopronome na rede X.

	Frequência	Proporção	Inferior	Superior
Sistema ‘ <i>elu</i> ’	296	81%	77%	85%
Sistema ‘ <i>ile</i> ’	45	12%	9%	16%
Sistema ‘ <i>ilu</i> ’	21	6%	4%	9%

Fonte: elaboração própria.

Assim, com base nos dados, o sistema ‘*elu*’ é o mais utilizado entre os sistemas de neopronomes. Para compreender essa maior relevância, no que diz respeito à frequência de uso, podemos destacar como ponto fundamental a preservação da raiz dos pronomes canônicos. Isto é, os neopronomes do sistema ‘*elu*’ atendem a uma alteração apenas na vogal final, substituindo as vogais finais dos pronomes canônicos -a e -e por -u.

Como consta na Tabela 3, o sistema ‘*elu*’ é o único que preserva a raiz dos pronomes canônicos, modificando apenas a informação referente ao gênero dessas formas, e, com efeito, construindo uma distintividade com os pronomes canônicos por meio da alteração da vogal final. Nota-se ainda que o contraste entre esses pronomes e os neopronomes, criado a partir da modificação da vogal final, pode indicar que essas vogais finais marquem a informação de gênero nos pronomes de terceira pessoa. Assim, além do -a, o -e, e, consequentemente, o -u do sistema ‘*elu*’, atribuem valores de gênero, contrariando a análise de Câmara Jr. (1970) de que há somente uma marca de gênero para os nomes no PB, o - a (átomo final). Nos sistemas ‘*ile*’ e ‘*ilu*’ a alomorfa na raiz dos pronomes canônicos marca a diferenciação entre essas formas. Todavia, esses neopronomes assumem pouca distintividade diante de fenômenos e nomes já existentes no PB, o que pode explicar a baixa frequência desses sistemas.

(7) “Fui responder o ‘*Iles*’ na dm e não vi o buraco do chão, eu me espatifei todo”.

(8) “[...] melhor coisa da quinta temporada de the nanny é o ‘*niles*’ e a cc virando mais amigos”.

(9) “Paraaaaaaaaa Eu tô lendo a canção de ‘*aquiles*’ e não quero sofrer antecipadamente <https://xxxxxxxxxxxxxxxxx>”.

(10) “[...] todo dia eu aperreando o juízo de ‘*dilu*’”.

(11) “[...] 4 Chopp mas eu queria ‘*aquilu*’ lá”. Fonte: Rede X.

Em (7), (8) e (10), as formas que seriam correspondentes aos neopronomes, respectivamente, ‘*iles*’ (neopronome pessoal), ‘*niles*’ (neopronome formado pela junção da preposição ‘*em*’ e o neopronome pessoal do caso reto) e ‘*dilu*’ (neopronome formado pela junção da preposição ‘*de*’ e o neopronome pessoal do caso reto), são encontradas como antropônimos. Isso pode ser observado pela presença do artigo anteposto a ‘*ile*’, em (7), e a ‘*niles*’, em (8), e, em (10), a presença da preposição ‘*de*’ antecedendo ‘*dilu*’. O mesmo ocorre em (9) com a semelhança entre a forma neopronominal ‘*aquile*’ e o antropônimo ‘*Aquiles*’. Dessa forma, essas características apontam que os exemplos citados não cumprem com a função de neopronome, visto que no PB essas formas pronominais não são antepostas por artigos ou preposições.

**Tabela 3.** Pronomes de terceira pessoa do sistema canônico e dos sistemas neopronominais.

Sistema canônico	Ela/e/e	Dela/de/e	Nela/ne/e	Aquela/ aquele
Sistema ‘ <i>elu</i> ’	Elu	Delu	Nelu	Aquelu
Sistema ‘ <i>ile</i> ’	Ile	Dile	Nile	Aquile
Sistema ‘ <i>ilu</i> ’	Ilu	Dilu	Nilu	Aquilu

Fonte: Elaboração própria.

No sistema ‘*ilu*’ destaca-se ainda o neopronome demonstrativo ‘*aquilu*’ e sua relação com o fenômeno de enfraquecimento da vogal final do PB. Em (11), observa-se que ‘*aquilu*’ é utilizado não como um valor de referência não binária, mas como uma variação do pronome canônico ‘*aquilo*’, dado que este sofre o processo fonológico de enfraquecimento da vogal final -o. Logo, o neopronome ‘*aquilu*’ se assemelha com uma variação do pronome canônico.

A distintividade construída por meio da alteração da vogal de gênero gramatical pode possibilitar e permitir uma maior assimilação dos neopronomes por parte dos usuários da língua, tendo em vista que repercute um processo mais regular na língua, a flexão. Os sistemas marcados pela alomorfia na raiz de pronomes canônicos podem exigir um maior esforço e uma menor distintividade quando comparados com nomes e processos já existentes na língua, favorecendo uma menor proporção de usos.

Com o objetivo de referenciar identidades não reconhecidas no fazer linguístico, ou seja, de realizar o que definimos como a RI dos sujeitos, o emprego dos neopronomes no PB seria responsável por referenciar apenas identidades não binárias ou atenderia a uma referenciação de diferentes identidades? Para responder a essa pergunta, analisamos a variável semântica, composta pelo valor genérico, com a recuperação de grupos mistos - identidades não binárias, femininas e masculinas - e o valor especificado, destinado, apenas, às identidades não binárias.

No estudo dessa variável, a recuperação textual do referente foi tomada como critério. Foram classificadas com valor especificado construções em que o referente foi textualmente recuperado, tal como em (12) “Gente, olha o meu sush com o meu namorado, o nome ‘delu’ é Miyu, ‘elu’ é rebelde e já fugiu várias vezes (nenhum de nós dois dá amor pra ‘elu’) <https://t.xxx>” (Fonte: Rede X), em que o emprego de ‘elu’ retoma o nome ‘Miyu’, marcando um uso especificado.

Em algumas construções não foi possível recuperar o referente textualmente, para esses casos adotamos o critério de número dos neopronomes. Em construções em que o neopronome foi realizado no singular, classificamos com valor especificado, como em (13): “[...] xxxxxxxx ‘Elu’ tão comportadinhe quase não reconheci” (Fonte: Rede X). Já em um contexto em que o referente não foi apresentado textualmente e o neopronome foi realizado com o número plural, analisamos com valor genérico. O valor genérico foi também analisado em construções em que o neopronome recupera uma ideia genérica, como em (14) “Jesus como eu odeio homem cis hetero allo Perisexo elus são insuportáveis, elus tem o mesmo humor, as mesmas opiniões ruins, os mesmos posicionamentos, elus são chates para krlh, ‘iles’ parecem ser a mesma pessoa odeio ‘ile’” (Fonte: Rede X), em que os neopronomes ‘elus’ e ‘iles’ retomam uma ideia genérica de homem cisgênero<sup>3</sup> heterossexual.

Na Figura 1, é verificada a distribuição dos sistemas de neopronomes na variável semântica. O valor genérico foi apresentado com bastante relevância para o sistema ‘elu’, 72, 60%, e para o sistema ‘ile’, 82,23%. O sistema ‘ilu’ tem destacado uma marcação mais especificada dos neopronomes, apresentando, com isso, um comportamento distinto dos demais sistemas. Observemos as construções a seguir.

(15) “[...] @xxxxxxx *ilu* ama uma caipirinha”.

(16) “EU TO MALUCO ‘NILU’ TRTEIA DAS IDEIA44”. Fonte: Rede X.

Os exemplos em (5) e (6) marcam utilizações de alguns neopronomes do sistema ‘ilu’. Nesses casos, verificam-se usos marcados para um valor especificado na variável semântica. Essa classificação foi aplicada seguindo o critério de número dos neopronomes, como já mencionado, uma vez que não há como recuperar o referente desses exemplos. O neopronome ‘ilu’, em (15), e ‘nilu’, em (16), exemplificam usos do valor especificado, encontrado de forma predominante no sistema ‘ilu’. No caso dos sistemas ‘ile’ e ‘elu’, o valor genérico se mostrou mais relevante, como relatado. Os exemplos abaixo exemplificam essas marcações:

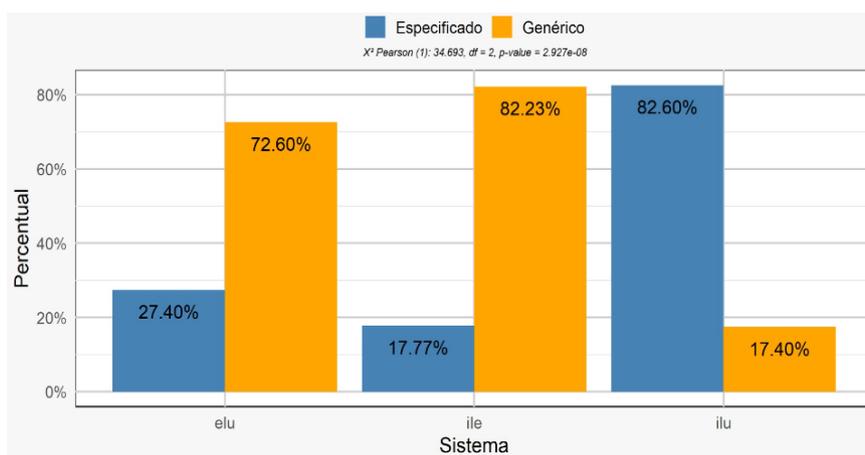
(17) “[...] eu lembro que minha família já foi restringida de ver qualquer coisa minha nas redes, e hoje ‘elus’ estão no meu AMIGOS PRÓXIMOS do insta onde se posta só o que se esconderia da família”.

(18) “[...] xxxxxx ‘Iles’ podem queimar pneus??? Não são terroristas? Estão contribuindo com emissão de gases poluentes?”. Fonte: Rede X.

Em (17), a utilização do neopronome ‘elus’ retoma ‘minha família’, fazendo referência, com isso, a um emprego genérico nessa construção, visto que pode ser compreendido dentro do campo semântico de ‘minha família’ identidades femininas, masculinas e não binárias. Em (18), o referente de ‘Iles’ não é recuperado textualmente, enquadrando-se no valor genérico pelo critério de número.

Relacionando a variável semântica com proporção de neopronomes por sistemas, observa-se que a maior parte dos neopronomes estão sendo utilizados com valor genérico. O sistema ‘elu’, com maior proporção de usos, 81%, seguido pelo sistema ‘ile’, 12%, apresentam usos mais genéricos, enquanto o sistema ‘ilu’, com 6% de frequência de usos, representa em maior número um valor especificado.

<sup>3</sup>O termo ‘cisgênero’ refere pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído no momento do nascimento, de acordo com o seu sexo biológico (cf. Bagagli, 2018).



**Figura 1.** Distribuição dos sistemas de neopronomes com base na variável semântica. Fonte: Elaboração própria.

Os resultados indicam que os neopronomes no PB estão sendo empregados como uma marca capaz de representar linguisticamente identidades binárias (masculino e feminino) e identidades não binárias, uma vez que o valor genérico foi mais representativo nos dados analisados. Pode-se questionar se nesse plano o conceito de RI, proposto nesta pesquisa, encontraria no emprego genérico alguma problemática para a sua validação. Apesar de atingir um valor mais genérico, de acordo com os dados, os neopronomes marcam e referenciam na língua novas identidades, ultrapassando os limites do padrão binário. Nota-se que o valor masculino de gênero, forma não marcada (Câmara Jr., 1970) e, conseqüentemente, utilizada com um valor genérico, não abrange, em sua amplitude, uma referência que acolha identidades binárias e não binárias.

O emprego genérico dos neopronomes pode despertar o debate e a problemática em torno do favorecimento do apagamento da identidade feminina que muito lutou para ter seu reconhecimento na língua. Para Freitag (2022), se o emprego inovador de gênero proporciona um comportamento genérico, o que se tem é a “[...] troca de uma regra de uma hegemonia (o masculino supostamente neutro) por outra, o neutro agênero, ou a neutralização do gênero” (Freitag, 2022, p. 70).

Essa discussão, que se forma a partir dos novos valores de gênero/neopronomes e sua relação com uma referenciação genérica dos sujeitos, ultrapassa o escopo dessa pesquisa. Nota-se que essa problemática, construída com base em uma marcação objetiva das identidades na língua, reforça o fato de que a referência dos sujeitos na língua está atrelada ao reconhecimento de suas identidades, cumprindo com o conceito de RI, dado que a marcação genérica pode causar um certo desconforto para grupos identitários que não encontram uma referenciação objetiva de suas identidades na língua.

Partindo da compreensão de que o gênero gramatical participa das relações de concordância das línguas (Corbett, 1991), analisamos a desinência de gênero para atestar se os neopronomes produzem efeito na relação de concordância nominal, e, com isso, observar quais marcas estão sendo utilizadas como um terceiro valor de gênero no PB. Destaca-se ainda que os efeitos de uma concordância não binária despertam muitos questionamentos no debate sobre a implementação de novos valores de gênero, dado que o PB se caracteriza por possuir uma morfologia rica, e, portanto, essa nova concordância poderia ter um maior custo para o processamento linguístico<sup>4</sup>.

A Tabela 4 marca, em proporção, as desinências de gênero empregadas a partir da concordância nominal com os neopronomes nos *tweets* analisados. As variantes -e, -i e -e, -i, -u estão presentes na tabela por terem sido realizadas em uma mesma construção, em diferentes nomes, como valor não binário de gênero na concordância com os neopronomes. Essas marcas, por sua vez, apresentaram um baixo percentual de uso nos dados coletados, como indica a Tabela 4. O uso do -u com essa mesma função, desinência não binária na concordância nominal, também apresentou pouca realização, com um percentual de 1% no sistema ‘elu’, 2% no sistema ‘ile’ e 0% no sistema ‘ilu’.

Na análise dos dados, a ausência de uma concordância não binária mostrou-se mais expressiva, com uma proporção de 77% para o sistema ‘elu’, 64% para o sistema ‘ile’ e 70% para o sistema ‘ilu’. Em ‘Sem concordância não binária’ foram incluídas construções em que se estabeleceu uma concordância com os valores canônicos (feminino e masculino), além de contextos marcados pela ausência de qualquer concordância nominal.

<sup>4</sup>Stetie, Rebolledo e Zunino (2023) apontam, no entanto, que a forma não binária [-e] não sobrecarrega o processamento para falantes de espanhol da Argentina e do Chile.

Tabela 4. Proporção de desinências não binárias de gênero na concordância desencadeada pelos neopronomes.

	e	e, i	e, i, u	u	Sem concordância não binária
Sistema 'elu'	20%	1%	0%	1%	76%
Sistema 'ile'	31%	2%	0%	2%	64%
Sistema 'ilu'	26%	0%	4%	0%	70%

Fonte: Elaboração própria.

(19) “[...] @XXXXX @XXXXXXXXXXXX se já não... sonho de consumo ‘dilus’”.

(20) “[...] o tópico é os tkk dividir carro? vcs discutem por umas coisas ridiculas, no final ‘elus’ n estão errados o tae&jk vivem grudados nessa era solo e vai saber onde eles andam juntos no off <https://txxxxxxxxxxxxxxxxx>”.

(21) “[...] xxxxxxxx @xxxxxxxxxx @xxxxxxxxxx @xxxxxxxxxx @xxxxxxx E ...SIM!!! Ela falou que #‘ILES’ foram OBRIGADOS a ASSINAR (me parece que o SENADO da época) para não irem PRESOS!!! De Simone Tebet a Requião!!!”. Fonte: Rede X.

As construções em (19), (20) e (21) exemplificam os dados em que não houve concordância com valores não binários. Nesses exemplos, é possível verificar a concordância nominal desencadeada pelos neopronomes com o valor masculino, como se observa em (20), em que ‘errados’ está relacionado com o neopronome ‘elu’, mas é marcado no masculino, e em (21), em que ‘obrigados’ e ‘presos’ referem-se ao neopronome ‘iles’. Em (19), no entanto, o neopronome ‘dilu’ não estabelece qualquer concordância nominal.

Diante disso, observa-se que os neopronomes no PB estão sendo realizados, em maior parte, sem causar alteração na concordância de palavras associadas, uma vez que, conforme os dados, a maioria dos neopronomes admitem uma ausência de concordância nominal com valores não binários de gênero. Verifica-se ainda que nos casos em que a concordância com valores não binários de gênero foi realizada o -e - desinência de gênero não binário - obteve uma maior proporção de usos, com 20 no sistema ‘elu’, 31 no sistema ‘ile’ e 26% no sistema ‘ilu’.

Assim, nos exemplos abaixo, em (22), o neopronome ‘aqueles’ desencadeia uma concordância nominal com o predicativo do sujeito ‘selecionades’ e com o sujeito ‘parceires’. Em (23), o predicativo do sujeito ‘respeitades’ produz uma concordância com neopronome ‘iles’, por meio de um valor não binário de gênero. Em (24), o mesmo ocorre com ‘não-binários’ que se relaciona com os neopronomes ‘elus’ e ‘dilus’.

(22) “ATENÇÃO, BOOKSTANS! O formulário para as parcerias do meu conto que lança dia 24 segue aberto e ‘aqueles’ que forem selecionades como meus parceiros levarão para casa lindos brindes digitais. +”.

(23) “[...] xxxxxxx @xxxxxx xxxxxx @xxxxxx ‘iles’ precisam ser respeitades\*\*\*\* Por favor pare de me ofender com sua linguagem cis hétera”.

(24) “[...] xxxxxxxxxxx @xxxxxxxxxxxxx Dois não-binários (elus/dilus) bateram em duas moças (elas/delas). #representatividade #direitosiguais”. Fonte: Rede X.

O -e, entre as marcas utilizadas para um terceiro valor de gênero no PB, tem se mostrado com maiores chances de implementação na língua. Essa preferência pode ser compreendida pelo contraste que o -e causa diante de alguns substantivos, especialmente, os substantivos sexuados, que, em sua maioria, variam em gênero por meio de marcas morfológicas (Rocha, 1998), como: menina/menino/menine. De acordo com Schwindt (2020), o -e apresenta maior possibilidade do que marcas como @ ou x, uma vez que não se restringe ao campo da escrita. O autor destaca também que o uso do -e encontra favorecimento no sistema linguístico por já fazer parte das relações morfológicas da língua, sendo utilizado como marcador de vogal temática.

O contraste encontrado no grupo dos substantivos sexuados e a menor limitação diante do sistema linguístico do PB (Schwindt, 2020), podem ser compreendidos como características favoráveis para a implementação do -e como novo valor de gênero, como aponta a proporção de usos na tabela 2. É ainda válido ressaltar que os substantivos do subgrupo dos animados, além de apresentarem maior possibilidade de flexionar gênero por meio de marcas morfológicas (Rocha, 1998), é, possivelmente, também, o mais relacionado com a implementação de um terceiro valor de gênero baseado nos novos padrões de identidade, dado que este subgrupo está relacionado com o traço semântico [+animado].

O -e apresenta mais relevância para um valor não binário na língua. A presença dessa marca é ainda mais relevante no sistema ‘ile’ (31%) e ‘ilu’ (26%), ao passo que no sistema ‘elu’, o qual obteve mais frequência de usos, em termos gerais, marcou uma proporção menor, 20%. Essa informação pode indicar que, apesar de ter maiores chances de implementação como um terceiro valor de gênero, o -e é mais relevante para sistemas com usos mais restritos.

## Considerações finais

Com o intuito de verificar e estabelecer um entendimento sobre as novas produções linguísticas referentes a uma marcação não binária do gênero no PB, o presente trabalho propôs uma análise de uma terceira marca de gênero gramatical e de sua implicação na construção de novas formas de referência – os neopronomes. Para tanto, foram verificados nos sistemas de neopronomes ‘elu’, ‘ile’ e ‘ilu’, como já pontuado, a frequência de uso de cada um, o contexto de emprego semântico (genérico ou especificado) e o reflexo da concordância estabelecida por essas marcas.

Partindo de uma reflexão da complexidade da categoria de gênero nos estudos linguísticos (Câmara Jr., 1970; Corbett, 1991; Rocha, 1998; Schwindt, 2020), da relação do gênero com a classe de pronomes (Benveniste, 1995; Neves, 2000) e da importância semântica do gênero na representação da identidade dos sujeitos, tendo como base a atual pluralidade das identidades (Hall, 2006), propomos, com base nas discussões e nos usos, o enquadramento de uma marcação de gênero relacionada com a referência de identidades dos sujeitos, como o que conceituamos por Referência Identitária (RI). A categoria em questão produz na língua, ligada às marcas de referência, um reconhecimento e um respeito às identidades dos sujeitos.

Conforme os resultados obtidos na análise dos dados, o sistema ‘elu’ destacou-se por possuir uma maior relevância em proporção de usos, comportando-se, portanto, com uma maior chance de implementação no PB. Assumimos que a conservação da raiz dos pronomes canônicos, na composição desse sistema, constituindo-se pela alteração na vogal final, referente, possivelmente, ao valor de gênero, indica um contraste mais sistemático com a forma feminina e masculino.

Verificou-se que o valor semântico genérico foi o mais presente entre os sistemas ‘elu’ e ‘ile’, sendo, exclusivamente, mais especificado no sistema ‘ilu’. Ressalta-se que o emprego genérico dessas formas difere-se de um padrão masculino por inserir nesse valor genérico identidades binárias e não binárias, o que não ocorre no valor masculino genérico, recuperando somente identidades binárias.

No estudo de uma concordância nominal, desencadeada pelos neopronomes, com novos valores de gênero, foi observado uma maior proporção de usos sem o reflexo dos neopronomes no padrão de concordância da língua, seguido, assim, uma concordância com valores canônicos de gênero. Nos casos em que houve a marcação de um terceiro valor de gênero, sobressaiu o uso do -e no final de palavras, como marca distintiva de gênero no PB. Assumimos a hipótese proposta por Schwindt (2020) de que o emprego do -e no final de palavras, como uma nova desinência de gênero, possui maior possibilidade de implementação como um valor não binário de gênero no PB, tendo em vista seu valor de distintividade, especialmente, no grupo dos nomes animados.

## Referências

- Almeida, G. C. (2020). Manual para o uso da linguagem neutra em língua portuguesa. *Research Gate*. Recuperado de [https://www.researchgate.net/publication/341736329\\_Manual\\_para\\_o\\_uso\\_da\\_linguagem\\_neutra\\_em\\_Lingua\\_Portuguesa](https://www.researchgate.net/publication/341736329_Manual_para_o_uso_da_linguagem_neutra_em_Lingua_Portuguesa)
- Bagagli, B. P. (2018). “Cisgênero” nos discursos feministas: uma palavra “tão defendida, tão atacada, tão pouco entendida”. Campinas, SP: Unicamp.
- Baldez, D. S. (2022). *O uso da marcação de gênero neutro no Twitter por uma perspectiva sociolinguística* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
- Baldez, D. S. (2024). Todes elus: uma análise sociolinguística sobre o emprego do gênero neutro no twitter. *Travessias Interativas*, 14(31), 39-55. DOI: <https://doi.org/10.51951/ti.v14i31.p39-55>
- Benveniste, É. (1995). A natureza dos pronomes. In É. Benveniste, *Problemas de linguística geral* (4a ed., p. 277-283). São Paulo, SP: Pontes.
- Câmara Jr., J. M. (1970). *Estrutura da língua portuguesa* (2a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Cambridge Dictionary Online (2024). *Neopronoun*. Recuperado de <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/neopronoun>
- Cassiano, O. (2019, 30 set.). Guia para “linguagem neutra” (PT-BR). *Medium*. Recuperado de <http://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b>
- Corbett, G. G. (1991). *Gender*. Cambridge, GB: Cambridge University Press.

- Freitag, R. M. K. (2022). Conflito de regras e dominância de gênero. In F. R. Barbosa Filho, G. Á. Othero (Orgs.), *Linguagem "neutra": língua e gênero em debate* (p. 53-72). São Paulo, SP: Parábola.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-identidade* (11a ed.). Rio de Janeiro, RJ: DP&A.
- Neves, M. H. M. (2000). *Gramática de usos do português*. São Paulo, SP: Unesp.
- Rocha, L. C. A. (1998). *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte, MG: Martins Fontes.
- Schwindt, L. C. (2020). Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico. *Revista da ABRALIN*, 19(1), 1-23. DOI: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v19i1.1709>
- Stetie, N. A., Rebolledo, C. M., & Zunino, G. M. (2023). Diversidad de género y variación lingüística en el español de América: procesamiento de estereotipos y morfología de género en Argentina y Chile. *Revista de Estudos da Linguagem*, 31(2), 636-687. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.31.2.636-687>